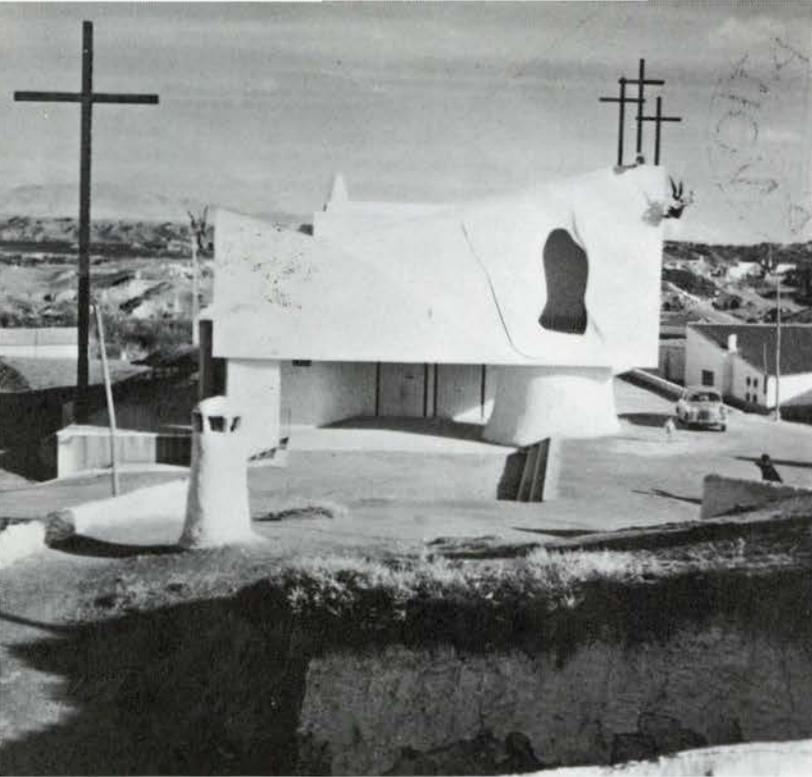


FĀTĪMA•50

Ano III-Nº 30 13/Outubro/1969

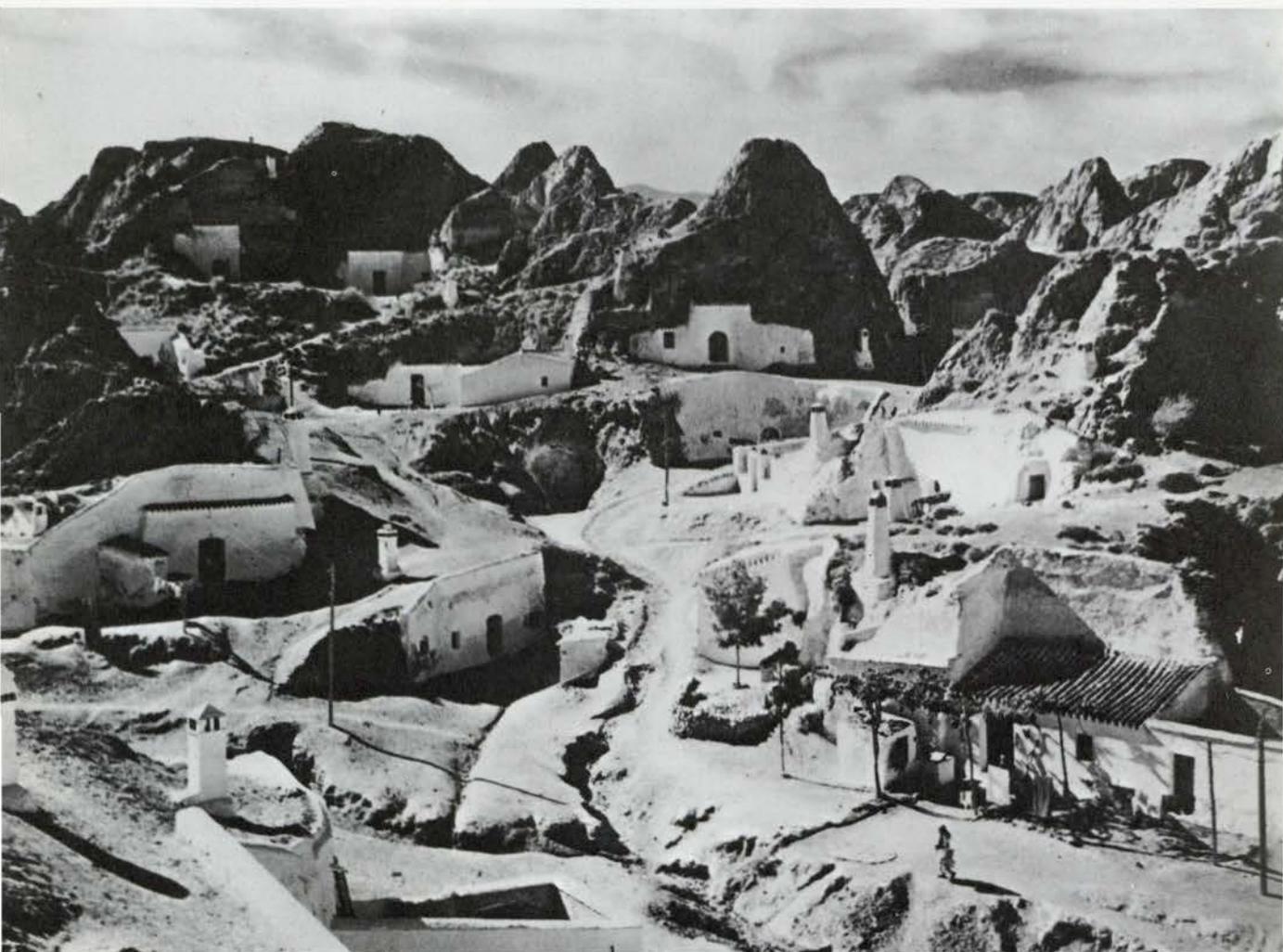
INTERNATIONAL
P.L.





FÁTIMA NO MUNDO

Igreja e freguesia de Nossa Senhora de Fátima, em Guadix, Granada (Espanha).
Ver notícia na página 27.



DEPÓSITO LEGAL
- 0. OUT. 1969

PERENE ACTUALIDADE DO ROSÁRIO

O Rosário, tal como hoje se reza, na sua formulação, número de contas, verdades religiosas contempladas, não vai além dos quatrocentos anos.

Acabamos, precisamente, de celebrar o IV Centenário da Bula «Consueverunt», pela qual o Papa São Pio V estabeleceu a norma actual de o rezar e o recomendou vivamente a toda a Igreja como já outros pontífices antes dele o fizeram e quase todos os seus sucessores o viriam a fazer.

Tratava-se, segundo ele, e trata-se, segundo todos os outros até ao actual Paulo VI, de uma devoção simples, acessível a todos, completa e, sobretudo, agradável a Deus e à Virgem Maria, através da qual os fiéis têm obtido e continuam a obter inúmeros favores celestes.

Já por várias vezes e em diversos números da nossa revista temos escrito do Rosário e das suas excelências, publicando até uma série de comentários sobre os quinze mistérios do mesmo. Também, de algum modo, secundamos uma campanha que se esboça e ganha mesmo certo vulto, para que o Rosário seja considerado oração oficial da Igreja, vindo mesmo a ser, sob a aprovação dos prelados, e para os sacerdotes, substituído do Breviário.

Este número é quase uma monografia sobre idêntico tema ao publicarmos os principais documentos produzidos durante a celebração, no Santuário de Fátima, do referido IV Centenário da Bula de São Pio V.

Pensamos com isto ajudar os leitores e todos os devotos de Nossa Senhora a afixarem a sua devoção pela reza diária do terço e a esclarecê-los sobre quaisquer dúvidas a propósito, principalmente hoje em que tudo se contesta e se põe em dúvida, sem qualquer respeito pelas mais venerandas tradições da Igreja, por aquelas formas de piedade que serviram e provam ainda servir para a santificação dos fiéis.

Nossa Senhora que tanto recomendou em Fátima para rezarmos o terço diariamente, nos ajude a rezá-lo cada vez mais fervorosamente e mais conscientemente para esclarecimento da verdade e fortalecimento da nossa fé.

O. F.

FÁTIMA-50

INTERNACIONAL

Ano III - N.º 30 - 13 Outubro 1969

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director:

Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção:

Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Dir. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção, Administração e Publicidade:

SANTUÁRIO DE FÁTIMA • Telef. 97468

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00
Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00
Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00
Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

NESTE NÚMERO:

ACTUALIDADES

Fátima no Mundo	2
Notícias de Fátima	10

DOCUMENTOS

S. Pio V e o Rosário	4
----------------------------	---

COLABORAÇÕES

História do Rosário	7
---------------------------	---

TESTEMUNHOS

Perene actualidade do Rosário	3
-------------------------------------	---

ILUSTRAÇÕES

Fotos a cores de MÁRIO DE FIGUEIREDO;
fotos a preto e branco de «MARINHO»

Accepta-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por
GRIS, IMPRESSORES, S. A. R. L., Cacém / Portugal.



SÃO PIO V

O HOMEM QUE SOUBE VER OS SINAIS DE DEUS
CONFIRMOU HÁ QUATROCENTOS ANOS
A FÓRMULA ACTUAL

DO ROSÁRIO

HOMILIA DE D. FRANCISCO RENDEIRO
NA COVA DA IRIA

A 17 de Setembro de 1569, faz hoje quatro séculos, foi assinada pelo Papa São Pio V a bula *Consueverunt* sobre o Rosário. Vale a pena reflectir um pouco, não apenas sobre o conteúdo do documento mas também sobre o seu enquadramento histórico, porque os acontecimentos do passado iluminam consideravelmente os do presente.

Façamos um simples confronto de datas, e logo veremos o significado que esses acontecimentos podem ter para nós.

A crise da época do Concílio de Trento

A terceira fase do Concílio de Trento decorreu nos anos de 1562 e 1563, sob o pontificado do Papa Pio IV, que morreu dois anos depois.

São Pio V foi eleito em Janeiro de 1566 com 62 anos. Tinha tomado parte no Concílio, já como Cardeal, e agora cabia-lhe a missão de ser o primeiro Papa do pós-Concílio, tal como hoje Paulo VI depois do Vaticano II. Nesta semelhança está o interesse da lembrança histórica.

A época em que se realizou o Concílio de Trento foi de grande crise; por um lado a liberalização das ideias, fruto do renascimento e do humanismo, por outro a liberalização dos costumes, que atingiu as mais altas esferas da Igreja.

O próprio Pio IV, que terminou o Concílio de Trento, era por demasiado inclinado à vida mundana. Felizmente não faltaram homens de grande virtude, que souberam equilibrar a vida da Cúria Romana, entre eles o sobrinho do Papa, o jovem cardeal S. Carlos Borromeu.

O conclave que elegeu São Pio V foi ainda uma luta de interesses políticos e de outras influências sociais; felizmente, depois do desentendimento dos contendores, o Espírito Santo conduziu os votos para a pessoa do humilde e austero cardeal dominicano.

A figura do Papa Pio V

Quem era esse cardeal que tomou o nome de Pio V?

A sua origem foi a mais humilde. Filho de pobres camponeses do Norte da Itália, começara a vida guardando um pequeno rebanho. Reparou nele um abastado proprietário da terra, e mandou-o à escola dos Padres Dominicanos, juntamente com o próprio filho.

Aos 17 anos o antigo pastorinho resolve professar a Regra de São Domingos, e aos 24 anos é ordenado sacerdote. As qualidades que a história já então lhe assinala, para além de uma extraordinária capacidade intelectual, são a piedade edificante, a austeridade da vida religiosa, a pobreza exemplar, a tenacidade no trabalho e um admirável zelo pela fé.

As suas tarefas principais, ao longo de muitos anos, foram o ensino e a pregação no Norte da Itália.

Em 1556 o Papa Paulo IV, que o conhecia pessoalmente e muito o estimava, nomeou-o bispo e no ano seguinte cardeal. Alguém o definiu então como religioso austero, desapegado do mundo e das honras, homem de oração e pastor vigilante, zeloso da glória da Casa de Deus.

A Providência preparava este homem, em perfeito contraste com o espírito e o teor de vida dos papas do Renascimento, para ser o primeiro papa reformador, depois do Concílio de Trento.

Com a eleição de S. Pio V mudou por completo o estilo de vida do Palácio Pontifício. O novo papa continuou a vestir a roupa de frade dominicano, continuou a viver com a mesma austeridade, a praticar os mesmos jejuns da Regra da sua Ordem, e despediu os comediantes que faziam parte da Casa Pontifícia. Andava a pé pelas ruas da cidade. As suas devoções preferidas eram a meditação da Paixão do Senhor, a celebração diária da santa Missa e o Rosário.

L. Pastor, na *História dos Papas*, diz que raras vezes num Papa o príncipe temporal ficou tão escondido por trás do sacerdote, como no filho

de São Domingos agora sentado na Cadeira de São Pedro. (1)

S. Pio V e a reforma da Igreja

S. Pio V entendeu que a reforma da Igreja havia de começar pelas pessoas, e por isso escolheu para cardeais um bom grupo de homens dignos dessa honra; depois procurou reformar os costumes do povo romano, conseguindo transformar em poucos anos a fisionomia espiritual da sua cidade.

Entretanto, ia realizando a obra fundamental da aplicação do Concílio à vida de toda a Igreja. O primeiro grande trabalho realizado pelo novo papa foi a publicação do célebre **Catecismo do Concílio de Trento**, ou **Catecismo Romano**, em que as grandes verdades da fé, professadas pelo Concílio, foram explicadas em linguagem acessível a todo o povo cristão.

Para bem compreendermos o valor do catecismo, é preciso lembrar quanto aquela época foi difícil.

Os reformadores protestantes tinham levantado a voz da rebelião contra a Igreja, acusando-a de se ter corrompido nos costumes e de ter atraído o Evangelho.

Embora o concílio tivesse definido a verdadeira doutrina, tornava-se necessário fazê-la chegar até aos membros mais humildes do povo de Deus; e isto requeria, por um lado a existência de bons catecismos, devidamente actualizados, por outro o diligente cuidado dos pastores, para ensinarem o povo que lhes estava confiado.

É curioso notar que a tradição daquilo a que poderíamos chamar «catecismo de adultos» já era grande na época do Concílio de Trento (2). Mas de pouco valiam os catecismos quando a instrução que se dava ao povo era por demasiado rudimentar.

Neste sentido o esforço do concílio foi extraordinário, e São Pio V teve a glória de ser o grande instrumento deste esforço, publicando em 1566 o **Catecismo do Concílio de Trento** ou **Catecismo Romano**. Esta obra, em que trabalhou extraordinariamente o teólogo dominicano português Fr. Francisco Foreiro, teve tal êxito, que ainda em nossos dias Pio XI o recomendava (3).

Enquanto se fixava assim oficialmente num catecismo a doutrina de Trento, eram dadas ordens aos párocos para que se servissem dele na formação do povo cristão.

Entre nós coube a Fr. Bartolomeu dos Mártires a glória de ser um precursor do próprio S. Pio V, na medida em que publicou o seu catecismo dois anos antes do aparecimento do Catecismo Romano. E um dos maiores méritos do santo arcebispo de Braga está precisamente em serem muito semelhantes os dois catecismos.

Ao reflectir nesta obra de São Pio V, tenho pensado que também agora Paulo VI sentiu a necessidade de nos dar o **Credo do Povo de Deus**, síntese preciosa da nossa fé, nesta época conturbada em que vivemos; e tenho pensado que talvez precisemos de alguma coisa mais, talvez precisemos de um «Catecismo do Vaticano II».

Depois de resolver o problema da educação cristã do povo de Deus com a publicação do Catecismo Romano, S. Pio V ordenou a oração pública da Igreja, fazendo a reforma do missal e do breviário.

Neste capítulo também as necessidades eram grandes, embora num sentido diferente das de hoje.

Antes do Concílio de Trento a Liturgia estava praticamente à mercê da iniciativa de cada diocese e das tradições de cada região.

Deus queira que não vamos agora cair numa anarquia ainda pior, com as inovações que por toda a parte vão aparecendo.

S. Pio V publicou em 1568 o «Breviário», e em 1570 o «Missal Romano», na forma substancial que ainda hoje guardam, embora tenham passado posteriormente por diversas reformas. S. Pio V, num admirável inciso do decreto que oficializa o missal, estabelece o princípio da unidade, dizendo: «é da máxima conveniência que o novo modo de salmodear e o rito de celebrar a missa sejam um».

A confirmação da fórmula da devoção do Rosário

Resolvido o problema do catecismo para a formação do povo cristão, S. Pio V julgou que havia de ir mais longe, confirmando, com a sua autoridade suprema, a fórmula da devoção do Rosário.

Não sei se o próprio Papa, ao publicar a Bula «Consueverunt», a 17 de Setembro de 1569, terá pressentido o alcance desse pequenino documento de cerca de 1200 palavras, cujo quarto centenário estamos hoje a celebrar.

Seja como for, esta Bula tem um valor extraordinário, pelas referências históricas, pelas afirmações doutrinárias e pela orientação pastoral que encerra.

O papa começa por situar o seu documento nas circunstâncias históricas de então, o que teria hoje para nós relativamente pouco valor, se essas circunstâncias não fossem uma verdadeira constante da própria história. Lembra que os romanos pontífices, nas grandes tribulações da Igreja, recorreram sempre a Deus com súplicas ou ladainhas, confiados, com esperança certa, de que haveriam de receber auxílio, e que S. Domingos, levado por este exemplo, perante a heresia dos albigenses, inventou o rosário.

S. Pio V diz que segue as pegadas dos seus predecessores e, considerando a Igreja agitada por tantas heresias, vexada e afligida por tantas guerras e pelos costumes depravados dos homens, levanta os olhos lacrimosos mas cheios de esperança para o Senhor, e exorta os fiéis a fazerem o mesmo pela oração do rosário.

Realmente a constante das necessidades da Igreja a determinar o recurso ao rosário aparece imensas vezes nos documentos pontifícios, como por exemplo nas encíclicas de Leão XIII, na encíclica «Ingravescentibus malis» de Pio XI (1937); na encíclica «Ingruentium malorum» de Pio XII (1951), na encíclica «Grata Recordatio» de João XXIII (1959) e finalmente, em termos igualmente expressivos, na encíclica «Christi Matris Rosarii» de Paulo VI (1966).

Em quase todo o segundo milénio da história da Igreja, aparece-nos com a máxima clareza, a seguinte equação: grandes necessidades, recurso à oração do Rosário.

Depois de ter abordado as necessidades do seu tempo, S. Pio V descreve a estrutura do rosário: «repetição de cento e cinquenta vezes da Saudação Angélica, segundo o número do Saltério de David, com a oração dominical intercalada em cada dezena de Ave Marias, e com determinadas meditações sobre a vida de N. S. Jesus Cristo». Chama o Rosário: «modo fácil, acessível a todos e muito piedoso de orar e pedir a Deus», «erguendo os olhos para o céu e para aquele monte da gloriosa Virgem Maria, puríssima Mãe de Deus, que com a Sua descendência esmagou a cabeça da serpente maldita e, sòzinha, exterminou todas as heresias e com o bendito fruto do Seu ventre salvou o mundo condenado pela queda dos primeiros pais, e do qual, sem intervenção de mãos humanas, foi retirada aquela pedra que, morta no madeiro da cruz, produziu abundantes águas de graça».

Descrevendo os efeitos do rosário alcançados pela pregação de S. Domingos, o Papa diz que os fiéis, entusiasmados por estas meditações e inflamados por estas preces, começaram a transformar-se rapidamente noutros homens, as trevas das heresias começaram a afastar-se e brilhou mais a luz da fé católica; foram instituídas associações desta forma de orar, conforme a diversidade dos lugares.

E também para que agora e sempre continuem a produzir-se os mesmos frutos, S. Pio V diz: «confirmamos e aprovamos, ajuntando-lhe a graça da firmeza perpétua e inviolável, o supradito modo de orar e de pedir», e estimula os fiéis a que se inscrevam nas Confrarias do Rosário, concedendo-lhes as mais amplas graças espirituais: «para que mais pronta e alegremente se aumente o número dos confrades».

S. Pio V não esconde a sua devoção a S. Domingos, «cujo instituto e Regra professámos quando éramos jovem». Agora sentado na cadeira de Pedro, julga dever incutir em toda a Igreja a devoção ao Rosário, que ele sempre cultivara.

A Providência reservava-lhe uma oportunidade maravilhosa para passar das palavras à acção. Em 1571 a Cristandade estava ameaçada de ser invadida pelos Turcos. O perigo era grande, e o temor maior ainda, por estar bastante viva a recordação do que fora o domínio da Europa pelos muçulmanos desde 711 a 1492.

O homem que soube ver os sinais de Deus

S. Pio V, depois de inúmeros esforços, mobilizou as forças das principais nações da Europa, conseguindo organizar a Liga Santa, e confiou a D. João de Áustria o comando geral da esquadra que ia combater os Turcos. Ao mesmo tempo fez a mobilização espiritual dos fiéis, pedindo às Confrarias do Rosário que, no 1.º domingo de Outubro desse ano de 1571, saíssem para a rua em solenes procissões a rezar o Rosário de Nossa Senhora. O próprio papa manteve-se em constante oração diante do crucifixo e da Virgem do Rosário, merecendo receber, por revelação, a notícia da vitória dos cristãos.

O facto foi considerado como a suprema confirmação do valor do Rosário, dada pelo próprio Deus.

Daí por diante a Igreja nunca mais esqueceu estes acontecimentos, e a prova está nos termos que usou Pio XII, consagrando o mundo ao Imaculado Coração de Maria por ocasião do 25.º aniversário das Aparições de Fátima: «Rainha do Santíssimo Rosário, auxílio dos cristãos, refúgio do género humano, vencedora de todas as grandes batalhas de Deus» (4).

Não será preciso dizer mais para assinalar a perene actualidade da Bula «*Consueverunt*» do Papa S. Pio V.

Creio poder afirmar que o papa de 1569 foi verdadeiramente um profeta, no sentido etimológico da palavra, um homem que soube ver os sinais de Deus no movimento espontâneo da espiritualidade cristã; soube perceber o valor transcendente de uma fórmula de oração muito simples, muito popular, soube garantir essa fórmula com a sua autoridade suprema, em termos que ainda hoje consideramos inteiramente válidos.

É por isso que celebramos o quarto Centenário deste documento de S. Pio V.

(1) Veja-se esta e outras referências na biografia de S. Pio V, volume 184 da B. A. C. — 1959 pág. 288.

(2) Cf. a Introdução que escreveu fr. Raul de Almeida Rolo O. P., para a edição do Catecismo de D. fr. Bartolomeu dos Mártires, Biblioteca Verdade e Vida — Fátima 1962.

(3) Uma das últimas edições do Catecismo de Trento é da B. A. C. (bilingue) em 1956.

(4) Pio XII — Radiomensagem — 31 de Outubro de 1942. A. A. S. 1942 pág. 313.



Cafés SICAL

UM ANÚNCIO NA "FÁTIMA 50"
LÊ-SE DURANTE 365 DIAS
A REVISTA É COLECCIONADA
E O SEU ANÚNCIO TAMBÉM

O ROSÁRIO

DAS SUAS ORIGENS A SÃO PIO V

RAUL DE ALMEIDA ROLO O. P.

Um dia um homem perguntou a Cristo: «E quem é o meu próximo?»

E Jesus respondeu com uma história: «Descia um homem de Jerusalém para Jericó ...»

Os pintores agarraram o tema e cada um, segundo o seu génio, pintou-nos essas personagens: barretes altos, barbas compridas, vestes repregadas e abundantes, etc.

O Senhor contou uma história para nos inculcar ao vivo uma ideia. Todo o Evangelho está esmaltado de sublimes parábolas.

A grande inspiração da cristandade medieval foi o Evangelho: cada monumento é uma sinfonia maravilhosa de temas evangélicos: Notre Dame de Paris, Reims, Colónia, Chartres, Batalha ... Arquitectos, escultores, vidraceiros, pintores, copiaram da Bíblia a fantasia dos seus pórticos, os frisos das suas estátuas, a configuração dos seus vitrais, o colorido dos seus painéis.

Também a literatura foi buscar à Bíblia o seu estilo e os seus géneros literários, e mais de uma vez na legenda edificante tomaram o ritmo da narrativa de Cristo: «descia um homem de Jerusalém para Jericó ...», «um homem nobre partiu para longe a tomar posse de um reino ...», «um homem rico fez um banquete ...», «o reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda ...»

Legenda medieval e **lendas** de damas de pé de cabra, são coisas profundamente diversas: a **lenda** é uma historieta para entreter; a **legenda** é uma história sublimada para instruir e transmitir uma ideia verdadeira, é uma história de género literário e estilo próprios.

Talvez se deva ter em conta este contexto histórico, sensibilidade artística e género literário para podermos entender melhor a origem algo nebulosa de alguns aspectos da instituição do santíssimo Rosário.

Ninguém certamente assume no sentido rigorosamente representativo o quadro de Sossaferratto em que a Virgem Maria entrega um grande Rosário de 15 mistérios a S. Domingos e o Menino Jesus, do colo da Mãe, a dar outro a Sta. Catarina de Sena.

De que género é a revelação do rosário a S. Domingos, afirmada nos meados do século XV por Alano da Rocha numa afirmação enfática e com uma defesa quase polémica?

Os grandes marcos do rosário podem situar-se em S. Domingos, Alano da Rocha, Tiago Sprenger, S. Pio V, cuja bula, **Consueverunt Romani Pontifices**, de 17 de Setembro de 1569, nos tem aqui reunidos.

Vamos a ver se conseguimos fazer essa longa caminhada de 338 anos que mediam entre S. Do-

mingos e S. Pio V, quase tanto como o tempo que já separa a publicação da bula desta nossa reunião. S. Pio V é um marco central entre S. Domingos e nós. Até já fica um pouco para além de meia caminhada.

Deus é um pedagogo divino que para falar aos homens se acomoda ao seu ser, à sua alma, aos seus conhecimentos, aos seus anseios e até, quando legítimas e puras, aceita as suas ideias e o grau da sua evolução: a graça não destrói a natureza, sublima-a. Para melhor ser compreendido dos homens e até para também poder compreender **experimentalmente** os homens o Verbo se fez homem.

Nesta constante da pedagogia divina, que linguagem pairava nos ares medievais no tempo de S. Domingos de que Deus se pudesse servir doce e suavemente para suscitar o fiozinho de oração e piedade que a pouco e pouco viesse concretizar-se no rio caudaloso, e dali a séculos universal, do Rosário?

PRÉ-HISTÓRIA DO ROSÁRIO

O fenómeno religioso é um fenómeno tão arraigado e tão conforme com a própria exigência da natureza humana que é absolutamente universal: há cidades sem muralhas, mas não sem altar.

E a expressão de religiosidade encontra a sua mais constante e mais fiel tradução na prece, na oração. Cristo fala-nos da oração dos pagãos: orações longas pensando que é com grandes discursos que alcançam dos deuses o que pretendem (cf. Mt.).

Estas orações longas ou segundo a expansão do fervor ou conforme à regra de vida que o orante se impunha, à falta de inventiva própria ou porque a determinadas fórmulas se atribuía uma eficácia especial, levou à repetição, e a repetição regulamentada à sua contagem.

Estes sistemas de contagem em alguns casos, no mundo pagão, chegou a revestir um verdadeiro automatismo mecânico. Assim na Índia são conhecidos os «moinhos de rezar». Trata-se de um aparelho de relojoaria que fazia girar diante do ídolo um rolo onde estavam escritas as orações. Esse deslizar suave das orações diante do ídolo permitia-lhe tomar conta da prece.

Sem estes extremos de automatismo inanimado de apresentar as preces a Deus, permanece o fenómeno religioso universal da oração repetida com insistência e porventura contada por um instrumento adequado.

O Cristianismo não podia fugir a esta lei universal fundada na própria religião que exige relação com

Deus por meio da oração e tão de harmonia com a própria estrutura humana que pede com insistência o que precisa e se expande efusivamente, quando possuída de profundo affecto.

Atribui-se a S. Gregório Nanzianzeno a substituição da homenagem que no Oriente se prestava a Nossa Senhora oferecendo coroas de flores materiais, por uma coroa de flores espirituais, por uma série das mais belas orações e louvores à Virgem.

A generalização da ideia requeria uma facilidade para se tornar acessível a todos: a concretização, dessas orações e louvores em fórmulas seguras, elevadas e conhecidas. A preferência da selecção recaiu naturalmente no Evangelho: a oração ensinada por Jesus — o Pai Nosso — e os louvores à Virgem inspirados do céu e proclamados pelo anjo e por Santa Isabel. O resto evoluiu muito naturalmente e flutuou ao sabor da piedade e da inspiração de cada um.

Os anacoretas do Oriente usavam já os seus fios de bolinhas para enumerarem as suas orações. O fio de conta passou a ser o distintivo dos Santos eremitas. Ainda no século XVI era assim que os nossos santeiros e escultores os representavam, como se vê na imagem de Sto. Aleixo na freguesia de Barril de Alva, na imagem de Sto. Antão na Tocha e em muitos outros casos.

O método dos contadores de orações generalizou-se no Ocidente na Idade Média por influência e importação dos cruzados. No tempo de S. Domingos era corrente o sistema. Veremos mais pormenorizadamente como se concretizou o santo Rosário, mas outras séries e outros contadores se divulgaram no povo cristão, por exemplo as «coroas», chamadas de Sta. Brígida, de 6 dezenas, de S. Francisco de 7», etc.

A estrutura da nossa psicologia também favorece este modo de rezar e de se exprimir: quando queremos inculcar uma ideia recorremos à sua repetição. Nunca como hoje este ponto vulnerável do nosso ser foi tão explorado: estamos na era do **slogan**. Também um affecto profundo, um fervor místico faz com que se repita o mesmo gesto ou palavra para afirmar bem e desafogar esse affecto: é assim que as mães cobrem os seus filhinhos de beijos. A exaltação espiritual e poética provoca o mesmo fenómeno. Os poemas do nosso rei D. Dinis terminando as suas estrofes por um «ai Deus eu é», «muito me tarda o meu amigo na guarda», são exemplos que na história nos parecem talvez longínquos mas que nós, se bem repararmos, praticamos hoje sem contestação e até com certo brio infantil de novidade, num insistente «ouví-nos Senhor», de uma oração dos fiéis ou num «assim seja eternamente», do canto religioso.

Esta psicologia não se liga só à repetição de fórmulas mas também se exprime e manifesta na evocação de acontecimentos à roda de um pensamento central. Assim no manuscrito 331 da Biblioteca Casamaten e de Roma (antiga biblioteca do Convento dominicano de Minerva) encontramos:

- os sete gozos temporais de Maria;
- os sete gozos celestes de Maria.

Estas séries de louvores quando se tratava de Maria, organizavam-se e enumeravam-se com frequência por analogia com o livro inspirado todo feito de poemas a Deus, o Saltério de David com os seus 150 salmos. Estêvão Langton, morto em 1228 (só sete anos após S. Domingos) deixou-nos um poema de 150 estrofes intitulado **Psalterium Mariae**.

O mesmo fenómeno se encontra em referência a Jesus Cristo. Por exemplo o franciscano Ubertino do

Casal, em meados do século XIV, escreveu a sua **Árvore da Vida Crucificada de Cristo** em que aparecem séries de mistérios como estes:

- Jesus prostrado em oração
- Jesus esbofetado
- Jesus preso
- Jesus coroado de espinhos
- Jesus levando a cruz
- Jesus Crucificado.

O ROSÁRIO E S. DOMINGOS

É nesta conjuntura religiosa que aparece S. Domingos, apóstolo suscitado por Deus, homem de génio, de inteligência criadora e de santidade heróica animado de entranhada devoção a Maria.

O IV Concílio de Latrão fala-nos da rudeza dos ministros do altar e prevê a instrução que os torne aptos a pregarem convenientemente a Palavra de Deus.

Se assim andavam os ministros podemos legitimamente deduzir que muito inferior ainda devia ser a cultura e conhecimento religiosos do comum dos fiéis.

S. Domingos na sua pregação na região de Tolosa e terras do Banguedoque, não podia dissertar subtilmente sobre os grandes mistérios da fé. O povo era rude e tinha de ficar nos rudimentos da fé, nos quadros vivos do Evangelho e na oração sublime mas chã e universal do Pai Nosso e na saudação da Ave-Maria.

Movido suavemente por Deus, adaptando-se à condição dos ouvintes, é compreensível que S. Domingos recorresse com insistência e como que metódicamente aos elementos pré-existentes na piedade dos fiéis do seu tempo para os instruir e fazer meditar o Evangelho.

Uma verdadeira inspiração de Deus? Aceitamo-la. Mas certamente muito diferente de uma aparição espectacular e sensível de Nossa Senhora entregando-lhe um instrumento material de contar orações dividido em suas dezenas ou mistérios.

Nenhuma fonte documental apoia essa hipótese de uma aparição sensível como, por exemplo, sabemos que se deu repetidamente aqui em Fátima aos pastorinhos. Nenhum dos numerosos biógrafos do santo desde o Bto. Jordão de Saxónia seu companheiro e sucessor no governo supremo da ordem, passando pela Bta. Cecília com as suas descrições deliciosas de affecto, pormenor e psicologia de observação verdadeiramente femininas, e nem as 36 testemunhas qualificadas e expressas, cujos depoimentos se conservam no seu processo de canonização e nem as «mais de 300» outras testemunhas que o assinaram depois de lido, para o confirmarem, nos fazem supor uma tal aparição espectacular a respeito do rosário como, aliás, nos falam de outras para testemunhar a sua heróica santidade e instruir e edificar os confrades.

Na iconografia de S. Domingos nem os escultores nem os pintores o representam com o rosário senão muito tarde. É mesmo surpreendente que Fra. Angélico, em pleno meado do século XV, morto em 1455, tendo pintado tantas Virgens, tantos santos e tantas representações sublimes de S. Domingos em nenhuma das suas maravilhosas pinturas figure o rosário e nem sequer o corrente contador de orações, já vulgarizado desde há muito por toda a parte.

Que nos fica da revelação do rosário a S. Domingos?

É exactamente um contemporâneo de Fra Angélico o grande dominicano e benemérito da devoção do Saltério de Maria — Alano da Rocha — quem afirma e defende a revelação por Maria do Rosário a S. Domingos.

«Quem é o meu próximo?» Perguntou um homem a Jesus.

«Descia um homem de Jerusalém para Jericó ...» O Senhor respondeu evocando uma cena viva para dar uma doutrina profunda. Não será este o género literário de Alano para afirmar que S. Domingos está na origem do rosário?

O conteúdo do relato inflamado de Alano da Rocha pode talvez formular-se hoje, para a nossa era crítica e realista, fanática dos documentos e da analogia da história, por estas palavras de D. Francisco Fernandes Rendeiro: «Há muitas circunstâncias em que a Igreja não precisa de sinais especiais para aceitar uma revelação, basta-lhe verificar a sua conformidade com o depósito da fé e com as linhas habituais da Providência. Ninguém pedirá sinais especiais para aceitar a afirmação de Pio XI de que a organização da Acção Católica foi uma inspiração de Deus, e a afirmação de João XXIII que atribuiu a uma inspiração a ideia de convocar um concílio. Essas graças vieram pela via ordinária do ministério pastoral dos Papas, mas a projecção que iriam ter fazia delas certamente graças extraordinárias» E depois de lembrar os elementos da devoção dos fiéis do tempo de S. Domingos — séries de orações, Pai Nossos e Ave Marias e de mistérios do Evangelho — conclui: «A revelação do Rosário a S. Domingos terá sido simplesmente a intuição genial de um grande apóstolo, que viu a riqueza prodigiosa da síntese desses elementos, pertencentes ao património da cristandade.»

O certo é que foi a partir de S. Domingos que esse fenómeno religioso de graças ordinárias, quanto ao modo de se revelar, tomou pouco a pouco tais proporções e manifestações na vida cristã dos fiéis que se reveste de características extraordinárias.

DE S. DOMINGOS A SISTO IV

E entramos na terceira etapa da história já propriamente dita do rosário em formação.

A partir de S. Domingos, embora com lacunas e obscuridades compreensíveis, vai-se afirmando cada vez mais a prática das séries de Pai Nossos e Ave Marias. Não abundam logo os documentos formais sobre a prática da devoção dos Pai Nossos e Ave Marias mas, de passagem, as vidas e virtudes dos santos revelam, e cada vez mais insistentemente, a sua prática.

Alguns exemplos servirão de marcos e etapas nesta caminhada.

De Margarida d'Ypres, morta em 1237, escreve em 1240 Fr. Tomás de Cantimpré que ela todos os dias rezava 40 Pai Nossos e outras tantas Ave Marias e mais a terceira parte do Saltério Mariano, «sed et de psalterio quinquagenam».

Antes de 1243 escreveu o dominicano João de Mailly que era costume corrente, especialmente entre damas e donzelas, recitar 150 Ave Marias, interca-

lando um Glória Patri a cada uma, «e assim — explica ele — dizem cantar o saltério de Maria, por causa do número dos salmos.»

Testemunho idêntico, referente a um jovem de Flandres, nos dá Tomás de Cantimpré em 1251. E do dominicano Romeu de Lira, falecido em 1261, se diz que morreu com a sua corda na mão por cujos nós rezava quotidianamente 1000 Ave Marias.

Os estatutos de 1265 da confraria da Virgem da Abadia de San-Trond impunha aos irmãos clérigos anualmente um saltério de David e aos leigos um saltério da Virgem Maria, em sugrágio pelos confrades.

Segundo a regra do Beguinato de Gandé, redigida pelos dominicanos em 1236, num texto que remonta a 1242, as noviças devem rezar todos os dias uma coroa do saltério da Virgem. Esta prescrição parcial para as noviças faz supor que na regra havia para as professoras o saltério completo de 150 Ave Marias.

Em 1277, uma doação ao beguinato impõe a obrigação de cada irmã recitar no aniversário dos doadores um saltério da Virgem, sem mais explicação: a fórmula era correcta, concreta e usual.

Nos mosteiros de freiras dominicanas nos séculos XIII e XIV era corrente a recitação quotidiana do saltério de Maria muitas vezes acompanhada de atitudes corporais, de pé, prostradas, genuflectindo, para excitar mais e mais o fervor, como se lê de Estefânea Pfiir. O grande esdríter espiritual João Taulero (†1361) recomendava aos seus dirigidos a recitação do Saltério de Maria, e o Bto. Henrique Suso (†1366) escreveu as séries de mistérios da vida de Cristo distribuídos em 5 alegrias 5 dores e 5 glórias.

Nesta época, e sobretudo no século XV, o método era absolutamente universal: não faltam por toda a parte vestígios arqueológicos e artísticos, testemunhas silenciosas mas eloquentes, dessa devoção. Para não alongarmos a enumerar testemunhos de longe e sem fazer fincapé no colar pendente do pescoço até às mãos da estátua jacente de D.^a Inês de Castro em Alcobaça, que pode ser muito bem um contador de orações para coroar essa maravilha de arte gótica e o mais rico monumento mariano da Idade Média, na opinião de um abalizado crítico de arte, é com certeza um contador de orações que sustenta a estátua do Museu do Carmo, figurando D. Afonso Henriques, assim como o que segura nas mãos a estátua jacente de D. Brites de Meneses, aia de D.^a Isabel, e de seus filhos Sta. Joana Princesa e D. João II, em S. Marcos, junto de Coimbra. Está também presente na retina de todos o fio de contas pendente das mãos de D. Isabel dos painéis de Nuno Gonçalves.

Da devoção generalizada surgiu espontaneamente a associação dos devotos em confrarias.

Documentos pouco posteriores à morte de S. Domingos revelam-nos a existência de associações sob a invocação de N.^a Senhora e de S. Domingos, em que os membros se comprometiam a rezar o saltério de Maria, de 150 Ave Marias intercaladas de outros tantos Pai Nossos. São conhecidos logo no século XIII estas associações em Sena, Viterbo e Bolonha.

No século XV, o século dos mistérios de Jesus e de Maria, um elemento que nunca estivera ausente

aparece, no entanto, com maior ênfase: a meditação dos mistérios simultânea à recitação do Saltério. Henrique Calcar (†1408), cartuxo de Colónia, começou a juntar só um Pai Nosso por cada dezena de Ave Marias e os seus confrades Adolfo de Essen (†1431) e Domingos Pruteno (†1461) rezavam as 50 Ave Marias intercalando-lhes um pensamento para meditação.

O Dominicano João de Monte (†1442) praticou e escreveu sobre esta devoção.

Reflectindo sobre todos estes dados concretos que a partir de S. Domingos se foram associando e harmonizando cada vez mais: o saltério de 150 Ave Marias, intercaladas de um Pai Nosso em cada dezena, e associando-lhe a meditação dos mistérios do Senhor e até pondo este método como doação própria das associações de N.ª Senhora e S. Domingos, encontramos-nos com todos os elementos e a dois passos da evolução completa e perfeita do santo Rosário, como é mais conhecido da história e o praticamos ainda hoje.

ALANO E SPRENGER

Dois grandes dominicanos, Alano da Rocha (1428-1475) e Tiago Sprenger (1436-1495) dois sólidos teólogos, professores universitários, religiosos insígnias pelas letras e trabalhos apostólicos, mas muito mais famosos ainda pela sua piedade mariana, darão os últimos retoques nesta evolução da grande e gloriosa devoção à Virgem.

Alano da Rocha rejeitou para a devoção o nome de «Rosário» que se tinha vindo intrometendo de mistura com a designação de Saltério. «Rosário» era nome demasiado profano para o louvor espiritual que por essas belas orações se prestava a Maria; saltério é que havia de ser, por analogia com o livro dos **Salmos de David**.

Alano, como já lembrámos, exalta a revelação do saltério de Maria feita por N.ª Senhora a S. Domingos, e no seu livro, **Tratado apologético do Saltério de Maria**, dedica uma parte a ensinar o «modo de rezar o saltério revelado a S. Domingos, **modus orandi psalterium B. Dominico revelatus**. Alano, oriundo da Bretanha, actuou principalmente nos Países Baixos e a sua acção foi tão eficaz que as actas da Congregação da Holanda de 1473 impõe aos religiosos leigos cooperadores que rezem um saltério de Maria como sufrágios, sinal de aceitação e tradição já feita desse método de orar.

TIAGO SPRENGER

O último passo, e até o nome definitivo do rosário seria dado logo a seguir, na igreja dominicana de Colónia por impulso do espírito devoto, dinâmico e organizador de Tiago Sprenger, prior do Convento.

Três grandes passos, definitivos na história do rosário, se devem a Sprenger: 1 — simplificou o rosário para 50 Ave Marias e 5 Pai Nossos, admitindo também a recitação seguida das 150 Ave Marias e 15 Pai Nossos, por analogia com o saltério de David; 2 — instituiu a primeira confraria propriamente dita do rosário em 8 de Setembro de 1475, dedicando-

-lhe um altar na igreja do seu convento e agregou-a à Ordem de S. Domingos; 3 — Alcançou do Papa Sisto IV a aprovação e indulgências para a confraria pela bula **Pastoris aeterni** de 30 de Maio de 1478, onde afirma a Conceição Imaculada de Maria. Segundo a regra da confraria, cada associado devia rezar três rosários (3 terços) por semana, mas sem obrigação moral de consciência ficando apenas privado, na semana em que não rezasse, da participação nos méritos dos outros confrades.

Inicialmente a confraria não era uma organização visível mas só comunhão de méritos e de preces entre confrades.

Para lhe dar um sinal de unidade visível é que lhe dedicou um altar e reunia junto dele os associados para a solene procissão da **Salve Rainha**, acostuada na Ordem Dominicana desde o Bto. Jordão de Saxónia era provincial da Lombardia (1221), ainda em vida de S. Domingos. A inscrição na confraria e o uso da coroa das contas completava os laços e distintivos sensíveis dos confrades.

No decurso do século XV completou-se a saudação do anjo e a de Sta. Isabel e Maria pela palavra **Jesus** uso canonizado definitivamente e indulgenciado pelo Papa Inocêncio VIII em 1491 pela famosa bula rosariana **Splendor paternae gloriae**. A segunda parte da Ave Maria, **Santa Maria** etc. conhece-se a partir de 1483. Desta sorte a Ave Maria, que era só uma oração laudatória, passou a ser também uma prece de súplica.

A cada dezena de Ave Marias juntou-se o enunciado de um mistério para meditação, nem sempre os mesmos, mas variados. Foram-se porém concretizados cada vez mais, de tal modo que ainda em vida de Sprenger se conhece a série que ainda hoje temos, apenas com duas variantes: o 14.º é a dormição de Maria e o 15.º juízo universal.

O imperador da Alemanha, Frederico III estava em Colónia com a maior parte da nobreza quando Sprenger instituiu a confraria e, atribuindo o fim inesperado da guerra à intercessão de Maria por mérito das orações dos confrades, deu o seu nome à confraria e com ele inscreveu quase toda a nobreza. O feito foi estrondoso e muitas dezenas de milhar de alemães se inscreveram e comprometeram a rezar o rosário. Em 1481 já estavam registados mais de 100 000 associados. Proliferaram por toda a parte novas confrarias e a influência do rosário não só se estendeu mas foi avassaladora e absorvente. Confrarias, capelas e altares da simples invocação de Maria, mudaram o seu nome em confrarias de N.ª Senhora do Rosário, como se pode exemplificar com a capela de Minerva em Roma e com a **confraria dos homens pretos** de S. Domingos de Lisboa, fundada ainda em vida do infante D. Henrique.

Como é costume a propósito de tudo, em todos os tempos e por toda a parte também surgiram os contestadores da obra de Alano e de Sprenger. A discussão subiu até às cátedras da universidade de Colónia donde o dominicano Miguel Francisco de Insulis, ao estilo do tempo, defendeu o rosário em três **Quodlibeto de fraternitate Rosarii** em que se ocupa da instituição, do nome e da dignidade da confraria. O escrito não caiu no vácuo mas foi muito divulgado, conhecendo-se dele onze edições e duas traduções.

No fim deste breve esboço da obra rosariana de Alano da Rocha e Tiago Sprenger é oportuno notar

que ambos se apresentaram não como fundadores ou instituidores do método de oração e devoção Marial, mas sim como suscitadores e renovadores de um método e devoção antigas.

Alano atribuiu a sua origem à revelação a S. Domingos e de Sprenger escreve Félix Fabro seu confrade e amigo: «... um costume antigo dos santos foi renovado nos nossos dias (...) Este costume salutar, quase abolido, renovou-o com grandes trabalhos o egrégio professor de teologia Tiago Sprenger. Este mestre e eu fomos por assim dizer, gémeos: recebemos o hábito e professámos juntos, frequentámos as mesmas escolas e ouvimos os mesmos mestres e hoje vivemos na mesma casa.»

A fórmula do saltério mariano ou rosário decantara todos os seus elementos essenciais atingindo uma síntese de oração riquíssima de método e de conteúdo espiritual para o povo fiel. Uma estrutura material constituída pelas melhores fórmulas de oração totalmente assumidas do Evangelho ou inspiradas nele: O Pai Nosso, ensinado pelo próprio Mestre Divino, em que se louva a Deus e se lhe pede numa elevação de expressão e ordem de súplica perfeitíssimas; a Ave Maria, saudação angélica tirada do Evangelho na primeira parte e acrescentada agora pela Igreja, completando a exaltação laudatória com a prece de súplica; uma série de quadros vivos do Evangelho, soro vital para a alma piedosa, contemplando a história da sua salvação, o que eleva infinitamente a dignidade da oração do rosário sobre os monótonos e mecânicos «moinhos de rezar» pagãos.

Os grandes pregadores do Rosário na sua forma evoluída foram homens notáveis pela sua observância da disciplina religiosa, edificante piedade e excelência de doutrina. Alano da Rocha, Tiago Sprenger e Miguel Francisco de Insulis foram professores universitários de teologia. Félix Fabro declarou-se gémeo de Sprenger.

Os colaboradores mais próximos e imediatos continuadores do apostolado do rosário foram religiosos como Conrado Wetzel, decorado com a laurea de pregador geral; João de Esfur que obteve faculdade para pregar o rosário e de agregar à sua missão outro confrade; Henrique Quitzow que, por decreto pontifício, constituiu a primeira e verdadeira equipa de apóstolos do rosário, podendo pregá-lo em toda a parte com dois companheiros.

O mestre geral da Ordem de S. Domingos, Fr. Salvo Cassetta de Panormo, de visita à Alemanha, reconheceu a confraria e confirmou-a com todos os seus privilégios em 10 de Janeiro de 1483.

Mas já muito antes, como acabamos de dizer, os dominicanos em várias partes tinham tomado a peito a missão de pregar o rosário, sobretudo no Norte da Europa e na Itália.

Nos registos dos Mestres Gerais da Ordem de S. Domingos, até aos primeiros anos do século XVI, aparece uma numerosa e nobre plêiade de religiosos a quem foram concedidas as faculdades de pregar o rosário.

Da proclamação oral passou-se naturalmente à exposição escrita da mensagem do rosário. Fr. Clemente Lossone publicou sete sermões sobre o rosário; Cornélio van Sneek e Bernardo de Luxem-

burgo fizeram o mesmo às suas séries de vinte e um e vinte e sete sermões do rosário, respectivamente. Marcos de Weida na sua obra *In speculo laudabili confraternitatis de Rosario* insiste sobremaneira na riqueza da contemplação da história da salvação proposta nos quinze mistérios do rosário.

Nomes de muitos outros confrades dominicanos como Guilherme Pepin, Alberto de Castelo e Bartolomeu Carrança de Miranda, e autores não dominicanos celeberrimos como Luís de Blois e S. Pedro Canisio exaltaram o rosário e proclamaram-no ao povo fiel com solidez de doutrina e elevação espiritual.

Em todo este breve relato, omitimos propositadamente o lugar e o desenvolvimento do rosário entre o povo fiel, na literatura e na arte portuguesas. Alguém mais capacitado nos ilustrará sobre isso na última conferência destes dias de estudo.

De propósito deixei para o fim a voz mais autorizada para nos falar do rosário: a voz dos papas.

A Bula cujo IV Centenário estamos a celebrar, significativamente começa evocando o costume dos papas de escreverem do rosário e de recorrerem a ele nas grandes calamidades: **Consueverunt Romani Pontifices**. Efectivamente, depois de Sisto IV, que publicou a primeira bula propriamente rosariana, quase não houve papa, até S. Pio V, que não publicasse algum documento sobre o rosário. Inocêncio VIII, Alexandre VI, Júlio II, Leão X, Adriano VI, Clemente VII, Paulo III, Júlio II, Pio IV publicaram os seus documentos inculcando o rosário e a sua confraria e enriquecendo-a de indulgências.

Estes documentos pontifícios tiveram ainda o mérito de fazerem oportunamente preciosas afirmações doutrinárias do supremo magistério eclesiástico sobre a teologia mariana. Já lembrámos a preciosa afirmação de Sisto IV sobre a Imaculada Conceição de Maria. E só para realçar outra grande tese de Mariologia citamos só outro exemplo da bula de Inocêncio VIII **Splendor paternae gloriae** onde se enaltece Maria Santíssima como Mãe e Medianeira, exibindo diante do Seu divino Filho os troféus da sua maternidade como Ele diante do Pai Eterno ostenta as cicatrizes da Sua Paixão, não podendo por isso nem o Filho negar nada à Sua Mãe, nem o Pai Eterno ao Filho redentor.

O famoso cardeal Gil de Viterbo, legado do Papa Leão X para Portugal e Espanha quis dar uma definição do saltério de Maria declarando que ele consta de três séries de 50 Ave Marias e 3 séries de 5 Pai Nossos.

S. Pio V, na pegada de seus predecessores e recolhendo adequadamente todos os elementos já antigos do rosário ou saltério completou a definição do Cardeal Gil, incluindo como elemento essencial do rosário a meditação dos mistérios da vida de Cristo. Escreve o Papa: «S. Domingos, fundador da Ordem dos Frades Pregadores (...) inventou o Rosário, chamado Saltério da mesma Santíssima Virgem Maria com a repetição de cento e cinquenta vezes da Saudação Angélica, segundo o número do Saltério de David, com a Oração Dominical

(Continua na página 25)



Agentes da P. S. P. conduzem o andor de Nossa Senhora.

NOTÍCIAS DE FÁTIMA



A sempre ansiada bênção dos doentes.

PEREGRINAÇÃO DE 13 DE SETEMBRO

Muitos milhares de peregrinos de diversos pontos do País e do estrangeiro (Itália, Áustria, Espanha, França, Alemanha, América do Norte, etc.) vieram a Fátima a fim de participar nas cerimónias da peregrinação mensal que neste dia 13 tiveram a intenção de comemorar o IV Centenário da Bula do Santo Padre São Pio V sobre a devoção do Rosário.

Estiveram presentes nas cerimónias o senhor bispo de Leiria, Dom João Pereira Venâncio, e seu auxiliar Dom Domingos de Pinho Brandão, Dom Francisco Tortora, Bispo de Santa Lucia del Mela, Messina (Itália), Dom Francisco Rendeiro, bispo de Coimbra e o Abade Cisterciense Dom Estanislau Vang, do mosteiro de Phuoc, no Vietnã do Sul.

Na peregrinação que os Serviços Religiosos da Polícia de Segurança Pública organizaram

pela 11.ª vez, tomaram parte 812 agentes e 1960 familiares destes. Fizeram-se representar os comandos distritais de Lisboa, Porto, Aveiro, Coimbra, Faro, Leiria, Setúbal, Beja, Évora, Portalegre, Castelo Branco, Lamego, Guarda, Viseu, Vila Real, Viana do Castelo, Braga e Bragança. O comandante Geral da Corporação esteve representado pelo chefe do Estado Maior, estando ainda presentes os comandantes distritais de Lisboa, Santarém, Aveiro, Braga, Vila Real, Castelo Branco e Beja.

Os peregrinos da Polícia de Segurança Pública vieram a Fátima agradecer à Santíssima Virgem as graças dispensadas e para pedir a sua protecção. Reunidos em volta da Capela das Aparições fizeram a sua consagração pela voz do capelão chefe, Padre Lúcio do Rego Marçal que também celebrou a missa privativa para a Polícia.

A missa da comunhão geral foi celebrada pelo senhor Dom Domingos de Pinho Brandão, bispo auxiliar de Leiria. Foram distribuídas para cima de 10 000 comunhões.

A pregação da hora santa nocturna foi feita pelo Provincial dos Dominicanos, Frei Raul de Almeida Rolo e versou sobre as comemorações do IV Centenário da publicação da Bula de S. Pio V sobre a devoção do Rosário.

Na concelebração das 11 horas tomaram parte 25 sacerdotes de diversas congregações e foi presidida pelo senhor Bispo de Coimbra tendo assistido também o bispo italiano e o Abade do Vietnã do Sul. Pregou ao evangelho o senhor Dom Francisco Rendeiro.

No fim da missa Dom Domingos de Pinho Brandão recitou a consagração ao Imaculado Coração de Maria e o Prelado italiano deu

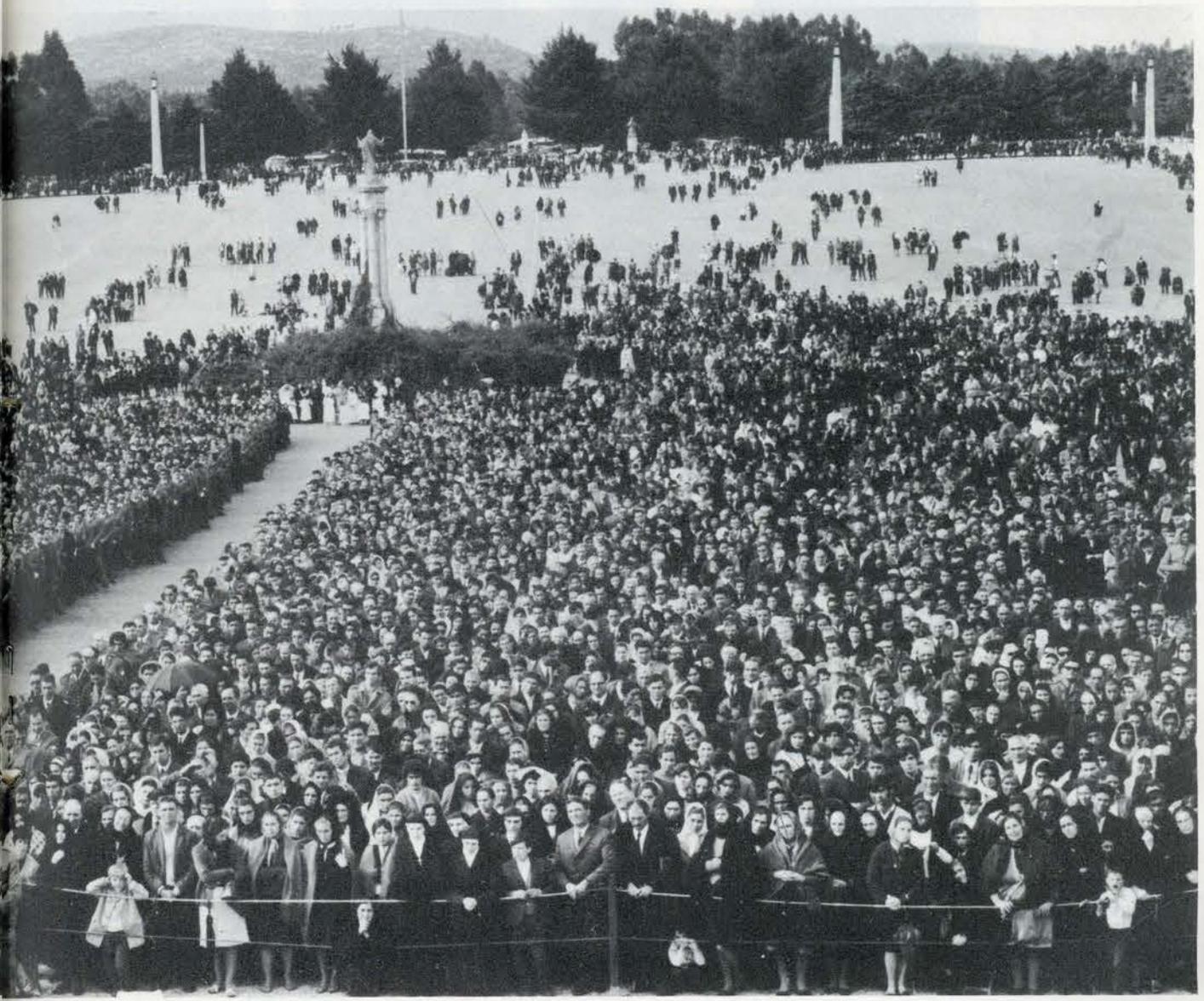


À esquerda, agentes da P. S. P. e comandantes distritais da mesma corporação que participaram na 11ª Peregrinação organizada à Cova da Iria, no dia 13 de Setembro de 1969.

Também ali estiveram a assistir às cerimónias centenas de peregrinos estrangeiros, entre os quais um pequeno grupo de Roma com Mons. Manuel Cardoso, reitor do Colégio Português em Roma.

Depois de ter celebrado missa na Capela das Aparições partiu de Fátima para a Alemanha, a fim de presidir ao II Congresso dos Amigos de Fátima, Dom João Pereira Venâncio, bispo de Leiria, que proferirá neste Congresso a realizar na cidade de Kinsteim perto de Frankfort, um discurso em língua alemã sobre a Mensagem da Senhora de Fátima.

a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes e a todos os peregrinos. Na umbrela pegou o coronel Pinheiro, chefe do Estado Maior da P. S. P. Em lugar especial na Colunata, assistiram a todos estes actos os comandantes distritais da P. S. P. assim como o capelão-chefe, Rev. Padre Lúcio do Rego Marçal.





Grupo de sacerdotes, religiosas e leigos participantes do Curso de Pastoral sobre Vocação, sob a presidência de D. Domingos de Pinho Brandão, bispo auxiliar de Leiria.

Curso intensivo de Teologia orientada pelo Instituto de São Tomás de Aquino

Constitui mais um magnífico êxito o curso intensivo de matérias teológicas que desde há anos o Instituto de São Tomás de Aquino, dos Dominicanos de Fátima, vem realizando durante o Verão, em Fátima.

O curso deste ano foi frequentado por cerca de uma centena de religiosas de diversos Institutos e Congregações e leigos de várias categorias sociais.

O curso principiou no dia 18 de Agosto e versou sobre matérias da Sagrada Escritura, de que foi professor Frei Raimundo de Oliveira; Teologia Dogmática (construção do mundo e significado dos sacramentos) por Frei Bento Domingues; de Teologia moral, por Frei Tomás Moura; Liturgia (celebrações do nosso tempo), por Frei Marcos Vilar e Psicologia (etapas do crescimento psicológico) por Frei Bernardo Domingues.

Durante nove semanas os professores procuraram dar uma visão global da Teologia, do mistério da salvação, e aprofundar os horizontes da vida cristã dos participantes. No fim do curso os finalistas receberam os respectivos diplomas do curso.

200 Pessoas em dois retiros dos movimentos rosaristas e dominicanos.

Promovido pela Ordem Terceira de São Domingos realizou-se um retiro com a participação de 118 pessoas representantes de 19 centros espalhados por todo o País.

Foram conferentes deste retiro o promotor nacional do Rosário, Frei Estevão da Fonseca e o Rev. Frei Tomás Maria Videira, que tomara por tema «Santa Catarina de Senã, a santa da unidade, proclamada por Paulo VI».

O Secretariado nacional do Rosário promoveu a realização de um outro retiro para elementos ligados à divulgação da devoção da reza do rosário. Participaram cerca de 160 pessoas. O conferente foi o Director do Secretariado, Frei Luís Cerdeira.

84 Pessoas num curso de catequese

No Centro Catequético de Fátima encontram-se, desde o dia 30 de Agosto, 84 pessoas dos meios rurais do Patriarcado de Lisboa, a frequentar um curso de férias que se realiza pela 15.ª vez. A organização é do Secretariado Diocesano de Lisboa que durante a sua existência já formou cerca de 9000 catequistas dos meios citadinos e rurais. São professores deste curso o Rev. Dr. Manuel Lourenço, Cônego A. Gregório Neves, P. José Ferreira, P. Policarpo Canas e Madre Isabel da Santa Face.

6 Bispos e 85 padres tomam parte no IV Encontro nacional de Pastoral

Na primeira semana de Setembro estiveram em Fátima os senhores bispos de Leiria com o seu auxiliar, Aveiro, Coimbra, coadjutor de Lamego e titular de Telepte, bem como 85 sacerdotes na sua maioria párcos, de 14 dioceses, a fim de participarem no IV Encontro de Pastoral. Assistiram também 5 capelães militares e 2 padres do Movimento para um Mundo Melhor.

O curso de Pastoral foi orientado por Dom Manuel Franco

Falcão, director do Secretariado Nacional de Pastoral e pelos padres Fernando Urbino e António Duato, o primeiro membro do Instituto Pastoral de Madrid e o segundo Vigário episcopal de Valência.

Presidiu ao Encontro Dom Francisco Rendeiro, vice-presidente da Comissão Nacional de Pastoral.

O Curso principiou no dia 31 de Agosto e durante 4 dias os participantes debruçaram-se sobre o tema «O Padre e a Paróquia», com lições sobre a adaptação da Paróquia às novas realidades, por Dom Manuel Falcão «A Paróquia Contestada e Incontestável», por Dom António Duato, «Reflexos de

desadaptação da Paróquia na vida do clero», pelo Padre Marcelino, e «Sacerdócio comum e sacerdócio ministerial», por Dom Fernando Urbino.

Os conferencistas espanhóis apresentaram ainda duas exposições sobre «O Padre, sua relação com o bispo e o presbitério», e «Relações entre o clero e o laicado», e ainda sobre «A diocese e as outras comunidades eclesiais». O Padre Armindo falou aos participantes neste curso sobre «Possibilidades e limites da Paróquia».

Diariamente os bispos e os sacerdotes tomaram parte numa missa concelebrada.



Baixo - relevo do altar da Basílica de Fátima representando a Visitação de Nossa Senhora.

COMEMORAÇÕES DO IV CENTENÁRIO DA BULA DE SÃO PIO V SOBRE O ROSÁRIO

De 12 a 17 de Setembro comemorou-se em todo o País o IV Centenário da Bula "Consueverunt", do Papa São Pio V, sobre o Rosário. As comemorações tiveram particular expressão na Cova da Iria, das quais oferecemos neste número alguns documentos escritos e fotográficos. No próximo número pensamos publicar mais alguns desses interessantes documentos sobre uma devoção de tanta actualidade.



Aspectos das comemorações do IV Centenário da Bula de São Pio V sobre o Rosário. A esquerda, em cima, procissão, vendo-se os bispos de Coimbra e auxiliar de Leiria; em baixo, pormenor da assistência à pregação. À direita, o nosso director com o padre Raul Rolo, O. P. grande animador das comemorações; em baixo, momento da missa concelebrada



CERTAS INOVAÇÕES NO ROSÁRIO

ESTÃO PREVISTAS PARA BREVE

DEDUZ-SE DE UMA ENTREVISTA NA RÁDIO

pelos padre RAUL ROLO

Sabemos que passa no próximo dia 17 o 4.º centenário da bula de S. Pio V sobre o Rosário e que o facto se está a comemorar em diversas partes. Donde vem tal importância a esse documento pontifício, quando tantos outros, antes e depois, foram publicados por outros papas?

A primeira bula, propriamente dita, sobre o Rosário foi do Papa Sixto IV em 1478. Desde então quase não houve Papa que não escrevesse sobre o Rosário: colecionadas em 1891 deram 5 volumes. Mas a bula de S. Pio V reveste-se de uma importância especial por ter estruturado o Rosário oficialmente, ter dado uma definição precisa desse método de oração e, sobretudo, de ter falado do Rosário em perspectivas de universalidade, fazendo do Rosário não uma devoção de uma confraria ou igreja, mas um método de oração da Igreja. É, portanto, uma data a assinalar.

— E quais são os actos dessas comemorações em Portugal?

Um programa muito singelo. Além de uma conveniente informação do público — como aqui agora estamos a fazer, e agradeço desde já a todos os meios de comunicação e informação — a peregrinação de Fátima do próximo dia 13 será organizada pelos Dominicanos e se evocará oportunamente a efeméride.

Os dias 14 e 15 de Setembro serão dias de estudo dedicados ao Rosário com conferências nos salões do Santuário.

No dia 17 encerrar-se-á esta primeira parte das comemorações com uma celebração na Basílica presidida pelo Exmo.

Bispo de Coimbra, D. Fr. Francisco Fernandes Rendeiro, que proferirá uma homilia adequada.

O Secretariado Nacional do Rosário fará algumas publicações comemorativas: um trabalho de D. Fr. Francisco Rendeiro; a bula de S. Pio V, *Consueverunt Romani Pontifices* em texto bilingue; O Rosário (meditação bíblica dos mistérios) e dois números especiais da revista do movimento nacional «Rosário de Maria».

Durante todo o ano, o Secretariado Nacional do Rosário tem intenção de fazer mais alguma coisa no sentido da informação e promoção do aggiornamento do Rosário.

— Disse V. Revma. que foi S. Pio V quem deu uma definição do Rosário. Mas o Rosário não vinha já de S. Domingos, no primeiro quartel do séc. XIII?

A pergunta é pertinente. O Rosário, como o definiu S. Pio V, no séc. XVI e o temos hoje, não nasceu de um jacto. Foram elementos do Evangelho e da piedade cristã que se conjugaram, mercê de um ambiente de religiosidade, de vida de fé, e até de circunstâncias sociológicas para nos darem o Rosário que temos hoje. Deus, quando fala aos homens, é um pedagogo divino que se apropria da sua linguagem, da sua história, dos seus ânimos.

— Quer V. Revma. dizer que o Rosário sofreu uma evolução?

Exactamente. Há uma espécie de pré-história do Rosário no sentimento religioso universal vasado na estrutura das nossas

próprias faculdades humanas: quando queremos inculcar uma ideia, repetimo-la — é a psicologia do *slogan*; quando somos dominados por um sentimento profundo, insistimos como a mãe que beija repetidamente o seu filhinho ...

Isto traduzido em fervor religioso deu lugar, desde os mais remotos tempos, e em todas as religiões, à repetição de certas fórmulas de orações laudatórias, deprecatórias, etc. Esta repetição levou a uma contagem; e a contagem à invenção de instrumentos para contar.

O Cristianismo não fugiu a esta lei tão humana e natural. Muito cedo apareceram os contadores de orações. Os nossos escultores do séc. XVI, por exemplo, ainda apresentavam os eremitães antigos com o seu distintivo no contador de orações, como se vê nas imagens de St.º Aleixo de Barril d'Alva e St.º Antão da Tocha.

No tempo de S. Domingos o método era vulgar na Europa, sobretudo por influência trazida do oriente pelos cruzados.

— *Mas daí ao Rosário ainda há uma grande distância.*

Talvez não seja tanta como parece.

A Idade Média em que viveu S. Domingos foi uma idade de grande promoção da mulher: é a idade das damas, donzelas e cavaleiros.

Maria é a Mulher por antonomásia do mistério cristão. Com S. Bernardo passou a designar-se simplesmente por NOSSA SENHORA. Não admira que a piedade dos fiéis se voltasse para ela com redobrada insistência a piedade e a apresentasse indissolúvelmente unida a Jesus. Na Idade Média é inconcebível uma imagem de Maria sem o seu Menino. A oração laudatória a Maria era espontânea e sincera. O Evangelho dava-nos as fórmulas autênticas do Anjo e de Santa Isabel. Metade da Ave Maria estava no Evangelho de S. Lucas. Estamos às portas, como se compreende, das séries de orações, Pai Nosso e Ave Marias, tiradas do Evangelho.

— *Neste contexto, que nos fica da revelação do Rosário a S. Domingos, de que nos falam os historiadores?*

Fica-nos certamente uma realidade muito verdadeira, mas diversa de uma revelação espectacular como se imagina: fica-nos essa

realidade com que Pio XI e João XXIII, por exemplo, nos disseram que foi por uma inspiração de Deus que agiram ao fundar a A. C. ou ao convocar o Concílio II do Vaticano.

S. Domingos, um homem de Deus e um espírito prático, como toda a sua vida nos ensina, viu naquele método de oração um processo magnífico para aliar à sua pregação o louvor e a impetração de Deus das graças para a conversão dos herejes, e um modo de levar ao povo a consideração das passagens fundamentais do Evangelho.

Pelo menos, é a partir de S. Domingos que nos aparecem na história figuras religiosas a praticar sistematicamente este método de oração de séries de Pai Nossos e Ave Marias, se bem que ainda de uma maneira imprecisa, quanto ao número, quanto à ordem, etc.

— *E porque se fixou para o Rosário o número de 150 Ave Marias?*

Acabo de dizer que no princípio as séries eram variadas: conhecem-se séries de mil, de mais e de menos. Cada um usava segundo a sua possibilidade e devoção. Mas o n.º 150 foi estabelecido, sem dúvida alguma, por analogia com o livro dos Salmos de David, composto de 150 Salmos. Por isso, um grande propugnador do método no séc. XV, Alano da Rocha, nem sequer aceitava a designação de «Rosário» para esse método (por lhe parecer demasiado profano), mas só falava do Saltério de Maria. Ora esta analogia do Saltério de Maria já era corrente, também, no tempo de S. Domingos. Recordemos, por exemplo, o teólogo e poeta Estêvão Langton, que morreu só 7 anos depois de S. Domingos, e que compôs uma obra de 150 estrofes sob o título de *Salterium Mariae*.

— *E pode precisar-se quando essa variedade de formas se concretizou no modo como agora existe o Rosário?*

Podemos, à luz da história, situar esse grau de evolução do Rosário nos meados do séc. XV. Dois grandes dominicanos foram os seus propulsores: Alano da Rocha, na Holanda, e Tiago Sprenger na Alemanha. E é de notar que foi precisamente Alano quem falou da revelação do Rosário a S. Domingos, e que ambos, tanto Alano como Sprenger, se apresentam como simples restauradores de uma devoção já antiga, e não como instituidores ou fundadores da mesma. Eles

deram-lhe simplesmente uma forma mais metódica e completa.

Para abreviar podemos dizer que o Rosário como S. Pio V no séc. XVI o descreveu e nós o conhecemos e praticamos hoje, nasceu propriamente na Igreja Dominicana de Colónia sob o impulso e organização de Sprenger.

Sixto IV aprovando e recomendando a Confraria de Colónia pela bula *Pastoris Aeterni* em 1478, deu solidez à instituição. Daqui para a frente foi uma explosão de entusiasmo: gente de todas as condições desde os plebeus até Henrique III, imperador da Alemanha e sua mulher D. Leonor de Portugal e grande número da mais alta nobreza germânica se inscreveram na Confraria.

Capelas, imagens, e até outras confrarias que eram só da simples invocação de Maria, passaram a chamar-se de Nossa Senhora do Rosário, como aconteceu, por exemplo, com a capela da Minerva em Roma e com a Confraria dos homens pretos de S. Domingos de Lisboa.

— *Parece a V. Revma. que esse método de oração, nascido na Idade Média, estruturado no séc. XV e como que canonizado há 4 séculos ainda hoje é válido e actual?*

Pelo que já fica dito verificamos facilmente que o Rosário nos seus elementos fundamentais não trouxe grande coisa de novo à imagem cristã, e, por isso, pode considerar-se tão perene como ela: não vamos recitar um Pai Nosso diferente, nem mudar os textos do Evangelho de S. Lucas donde consta a primeira parte da Ave Maria, e nem alterar o Evangelho para meditar quadros diferentes daqueles que ele nos apresenta. Aliás, os Papas do séc. XX têm-nos falado do Rosário e têm-no recomendado mais e com muito mais empenho do que os Papas dos séculos passados. João XXIII, o Papa do Concílio, diz-nos que «o Rosário de Maria se encontra elevado à dignidade de uma grande oração pública e universal, frente às necessidades ordinárias e extraordinárias da Igreja, das nações e do mundo inteiro», acrescentando que «é a massa que ora numa súplica única por toda a fraternidade humana, religiosa e civil».

Paulo VI, por sua vez, escreve do Rosário que ele «é uma devoção da própria Igreja, a qual, pelo seu carácter cristocêntrico e pela filial devoção que inspira à Virgem, pode reanimar a fé e a piedade nos meios mais diferentes e mais abertos à acção pastoral».

Isto é o que os Papas dos nossos dias pensam da actualidade do Rosário.

— *Quanto aos elementos essenciais do Rosário creio que são, de facto, suficientemente arraigados no Evangelho para serem intangíveis, mas o método? Parece-lhe que esse método secular ainda é válido hoje?*

O método, evidentemente, não é intangível: se o método se aperfeiçoou no passado, nada impede que faça progresso no presente. Aquelas palavras dos Papas que agora citámos foram precisamente dirigidas a congressos mundiais que tinham em vista renovar e enriquecer ainda mais o método do Rosário. Creio mesmo que o principal fruto a esperar deste IV centenário da Bula de S. Pio V é uma revisão e uma actualização conveniente do Rosário.

— *Em que linha se esboça essa actualização?*

Principalmente na linha de uma das características da espiritualidade moderna, na linha bíblica. Embora os temas de meditação propostos no Rosário sejam todos tirados ou inspirados no Evangelho, há, no entanto, uma grave lacuna precisamente, neste aspecto. A primeira série de temas de meditação, ou mistérios, termina com a infância de Jesus: o encontro no templo à idade de 12 anos. Daqui salta-se, directamente, para a segunda série, começando pela Paixão. Isto é, toda a vida pública de Cristo, toda a sua pregação e anúncio da Boa Nova, os seus grandes gestos, as suas grandes lições ficam, simplesmente, omitidos.

— *E que temas se poderão tomar dessa fase da vida de Jesus?*

A dificuldade está na abundância: o baptismo de Jesus e o testemunho da sua divindade vindo do céu; Jesus na família, nas bodas de Caná; Jesus e o amor à pátria, chorando sobre a destruição de Jerusalém; os critérios da verdadeira felicidade, nas bemaventuranças; o sermão da montanha; a transfiguração; o lava-pés; a instituição da Eucaristia; as aparições de Cristo, como prova da sua ressurreição; a reunião no

Cenáculo; a manifestação do Espírito Santo;
a glorificação dos eleitos; etc., etc.

— *Espera V. Revma. que isso se fará?*

Não espero só, tenho como que uma certeza. E se não fosse para fazer alguma coisa por um **aggiornamento verdadeiro da grande devoção secular do povo cristão**, nem valia a pena lembrar o centenário da Bula de S. Pio V: ele dinamizou a instituição do Rosário no seu tempo; quatro séculos depois há muitas forças novas que temos de ser nós a aproveitar para as oferecer aos fiéis do nosso tempo, se for possível, em bandeja de ouro.

— *E em Portugal que receptividade tem o Rosário?*

No passado quase não havia paróquia que não tivesse a sua confraria do Rosário: contam-se aos milhares. Os missionários espalharam-nas pelo mundo. Em Fátima, Maria Santíssima quis identificar-se diante dos pastorinhos por uma invocação que eles conhecessem bem, dizendo-lhes: «eu sou a Senhora do Rosário». Só este facto pode servir de um grande marco na história da devoção do Rosário entre nós e para o mundo.

O Secretariado Nacional do Rosário está entregue aos dominicanos e trabalham exclusivamente na Cruzada do Rosário dois padres dominicanos apetrechados de material adequado para fazer chegar aos fiéis, nas melhores condições de inteligibilidade a mensagem. Os associados inscritos, com compromisso de rezarem assiduamente o Rosário, andam à volta de 300 000, mas podemos presumir que em Portugal reza habitualmente o terço um bom meio milhão de fiéis. Podemos considerá-lo a primeira das devoções privadas dos portugueses.

— *Oxalá, pois, este centenário avive ainda mais a devoção do Rosário, lhe traga um enriquecimento do método, e nos habitue a meditar por ele as grandes lições do Evangelho ...*

PAULO VI EM FÁTIMA



Está à venda, o artístico album comemorativo da Peregrinação de Paulo VI a Fátima, edição da Comissão Central do Cinquentenário.

Dirija os seus pedidos à referida Comissão, Fátima, ou à Administração de "FÁTIMA-50", Fátima.

Esta publicada la edición castellana de este magnífico album conmemorativo de la peregrinación de Su Santidad Paulo VI a Fátima. Puede requisitar los ejemplares que desee a la Administración de "FÁTIMA-50",

Fátima - Portugal

Now, ON SALE... The English edition of this beautiful book, telling all about the Pilgrimage of Paul VI to Fatima.

You can order it at "FÁTIMA-50"

Fátima - Portugal

En vente... l'édition Française de cet album commémoratif du pèlerinage de Paul VI à Fatima.

Adressez vos demandes à "FÁTIMA-50"

Fátima - Portugal



Padre Manuel de
Sousa 1.º Reitor
do Santuário

HOMENAGEM DE FÁTIMA AOS REITORES DO SANTUÁRIO

A população de Fátima resolveu homenagear os quatro reitores do Santuário de Fátima: Padre Manuel de Sousa (já falecido), Cónego Amílcar Martins Fontes, dr. Joaquim Lourenço (já falecido), e Mons. António Antunes Borges, actual reitor.

Ao fim da tarde do dia 28 de Setembro pelas 17 horas, houve concelebração da missa de acção de graças, na Basilica do Santuário. Presidiu o sr. Bispo Auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho Brandão, tendo concelebrado 16 sacerdotes, entre os quais, Mons. Borges, o pároco de Fátima e superiores das ordens religiosas com casas em Fátima, bem como vários condiscipulos de Mons. Borges.

Ao Evangelho, D. Domingos Brandão, dirigindo-se a todos os presentes, enalteceu as qualidades dos quatro Padres que nestes cinquenta anos de Fátima exerceram as funções de reitores do Santuário, afirmando que foram os maiores cumpridores da mensagem de Fátima. E terminou, pedindo as orações de todos para que Mons. Borges se conservasse por muitos anos à frente do Santuário.

Após a missa, foram descerrados, na Casa dos Retiros de Nossa Senhora das Dores (Sala de Reitoria), os quadros dos 4 reitores, pintados a óleo pelo mestre João Reis.

Usou da palavra o sr. Francisco Pereira de Oliveira, secretário da Comissão Organizadora da homenagem.

Mons. Borges, falando a seguir, agradeceu as palavras de louvor e endereçou todas as homenagens do quinquentenário de Fátima para D. José Alves Correia da Silva, o grande Bispo de Fátima.

Efectuou-se, depois, um jantar de homenagem, a que presidiu D. Domingos de Pinho Brandão, e a que assistiram o presidente da Câmara Municipal de V. N. de Ourém, autoridades da paróquia e mais de 200 pessoas.

Aos brindes, usaram da apalavra, o pároco de Fátima, Padre Manuel Henriques; o dr. Pereira Gens, primeiro director dos Serviços Médicos de Fátima; o presidente da Câmara Municipal de V. N. de Ourém o sr. Bispo de Leiria e por último, agradecendo a todas as homenagens falou Mons. Borges.

Durante o jantar, foi entregue a Mons. Borges uma pequena lembrança.



Mons. Antunes Borges, actual Reitor

(Continuação da página 11)

intercalada em cada dezena de Avé Marias, e com determinadas meditações sobre toda a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo».

A riqueza da bula de S. Pio V já ontem foi convenientemente lembrada diante de todos os peregrinos da Fátima e a Portugal inteiro pelas antenas da Rádio Renascença, pela voz autorizada e convicta de D. Fr. Francisco Fernandes Rendeiro, bispo de Coimbra, o qual, com mais detenção nos voltará a falar da sua riqueza de conteúdo e flagrante oportunidade para o nosso tempo no acto de encerramento destas comemorações, na concelebração do próximo dia 17, dia aniversário da publicação da bula **Consueverunt Romani Pontifices**. Por isso nos sentimos incapazes de fazer aqui qualquer aqui qualquer comentário a tão grande documento.

S. Pio V não é só papa de uma grande bula sobre o rosário, mas do seu lugar de supremo jerarca da Igreja e Vigário de Cristo, fez-se um verdadeiro arauto e zeloso apóstolo do rosário incitando a fundação das confrarias, enriquecendo-as de privilégios e por outra bula de 1572 a bula **Salvatoris Dei Nostri Jesu Cristi** selou divinamente a devoção e eficácia do Rosário ao atribuir a ele a vitória de Lepanto, declarando que ela lhe fora revelada divinamente **nobis divinitus revelata**. E para celebrar e agradecer tão grande dom instituiu a festa do SS.mo Rosário no dia aniversário da vitória, 7 de Outubro e cheio de gratidão mandou escrever. **Non virtus, non arma, non duces, sed Maria Rosarii victores nos facit**.

Foi longa e pálida a nossa caminhada do rosário de S. Domingos a S. Pio V, mas só nos resta para o nosso tempo e para as suas necessidades concluir com ele: não pela força, não pelas armas, não pelos chefes mas por Nossa Senhora do Rosário nos há-de vir a vitória.



Dois aspectos das cerimónias de homenagem ao reitor do Santuário, Mons. António Antunes Borges, no dia 27 de Setembro de 1969



FÁTIMA NO MUNDO



GUADIX – ESPANHA

UMA IGREJA DEDICADA
A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA
INTEGRADA
NO AMBIENTE LOCAL

(Ver as fotos da pág. 2)

Altar principal durante a celebração do Mês de Maria.
Junto ao altar o padre Manuel Varón.

Não há turista que desconheça as famosas «Cuevas» dos arrabaldes de certas cidades da Andaluzia, sobretudo Granada e onde vivem ciganos e outras gentes menos afortunadas.

A surpresa vem-nos de uma paróquia suburbana da cidade de Guadix, na província de Granada, onde o bom gosto e o progresso se aliaram para dar um maior conforto e melhor asseio às «covas» de habitação, transformando-as em casas dignas sem lhes tirar o seu aspecto típico tradicional. Pela fotografia podemos apreciar a panorâmica de sonho (parece fantasia) da freguesia de Nossa Senhora de Fátima.

Desde 1957 que se iniciou um trabalho sistemático de assistência espiritual aos moradores dessas casas subterrâneas, precisamente com a reza diária do terço, durante o mês de Maio, numa das tais casas, pertencente à paróquia de Nossa Senhora da Graça. Em 1958 foi construída no local uma pequena e modesta ermida onde passou a rezar-se o terço todos os dias do ano, a celebrar-se a missa aos domingos e a serem administrados os sacramentos, até 1962, ano em que se iniciou a construção da igreja e foi criada a nova paróquia dedicada a Nossa Senhora de Fátima, pelo Bispo de Guadix.

A igreja, cuja fotografia publicamos, é um templo moderno, perfeitamente integrado no ambiente donde nem sequer se eliminou a chaminé de uma das casas que lhe fica fronteira, em pleno adro.

As cerimónias da inauguração prolongaram-se pelos três primeiros dias de Maio de 1962, com um tríduo durante o qual pregou o Bispo da diocese, Mons. Rafael Alvarez Lara, actualmente Bispo de Maiorca.

Na paróquia foi criada uma irmandade também sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima. Todos os anos, no último Domingo de Maio se celebra a festa da Padroeira com missa solene e grandiosa procissão por todos os recantos da pitoresca freguesia.

Recentemente esteve na Cova da Iria, durante o II Seminário Internacional da Mensagem de Fátima, o padre Manuel Varón, pároco daquela freguesia e que nos falou com entusiasmo da profunda devoção dos seus paroquianos e sua própria por Nossa Senhora de Fátima.

